

OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO
ESTRANGEIRO

ASSIGNATURA

Moeda forte	PORTUGAL E COLONIAS	Franco de porte
Anno ou 24 numeros	25000	Trimestre ou 6 numeros
Semestre ou 12 numeros	12500	N.º avulso ou pago á entrega
ESTRANGEIRO UNIAO GERAL DOS CORREIOS		
Anno ou 24 numeros	25000	Semestre ou 12 numeros

2.º ANNO—VOLUME II—N.º 47

1 DE DEZEMBRO 1879

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LOURETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

Correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro car. Serafim J. Alves.



D. MARIA CHRISTINA, ARCHIDUQUEZA D'AUSTRIA E NOVA RAINHA DE HESPAHIA

(Segundo uma photographia)

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica occidental, GUILHERME D'AZEVEDO — Manuel Borges Carneiro, BRITO REBELLO — Marinha portugueza, Um combate naval, A. DANTAS — As nobres gravuras — Depois de jantar, CARLOS DE MOURA CAHAL — Henrique C. Carey, J. YNE BATALHA REIS — Bibliographia.

GRAVURAS. — D. Maria Christina, archiduquesa de Austria e nova rainha de Hespanha — Monsenhor Castano Aloiso Masella, novo nuncio de Sua Santidade junto a corte de Portugal — Africa portugueza, S. Thomé — Marinha de guerra portugueza, Um combate naval — Henrique C. Carey — Colorico da Beira, o mercado — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Parece que, n'esta quinzena, o inverno se estabeleceu definitivamente em Lisboa. Até aqui tinha-se anunciado, uma vez por outra, havia hurrifado a população, de fugida, mas apenas via os chapéus de chuva abertos, partia subito, deixando reluzir o mais formoso sol de outono de que rezam antigas trovas.

Para Lisboa pôde dizer-se que principia agora a estação das flôres. Estamos em pleno abril das tabacarias. Os estancos enfeitam-se de camelias e de violetas e a primavera estabeleceu-se, enfim, na Casa Havana.

O maio de que rezam os calendarios, com todos os encantos bucolicos que lhe attribuem algumas almas movidas por sentimentos pastoris, é um mez proprio para campo. Em Lisboa não se revela nem pessoa alguma dá noticia d'elle. Muita gente sabe que as encostas se revestem de festões de rosmarinho, e que as moitas de trevo rescendem na soledade dos valles, por ter ouvido contal-o a pessoas que chegam da provincia, ou por lhe ter sido affiançado por antigos delegados e secretarios geraes que serviram em varios districtos administrativos. A este respeito, porém, os poderes publicos são d'uma prudente reserva, e não consta que ninguém ainda dêsse pela *quadra das flôres* no Passeio do Rocio. As estações ali servem unicamente para regular a hora a que toca a musica. Quando a gente, por exemplo, vê vereadores de chapéu alto, aos dias santificados, passeiando com as suas familias pela rua do centro, das seis ás sete, é signal de que lá fóra ha rosas na campina. Se elles passeiam da uma ás tres, é indicio de que o dorso das montanhas se mostra despido de verdura. De resto, sobre os canteiros dos jardins municipaes parece ter passado, ha muito, um *simoun* camarario que os deixou estereis como as entranhas do pelouro *respectivo*.

Sómente quando chega dezembro, em compensação das rosas não terem enfeitado os jardins, as violetas brotam das sobrecasacas e as camelias enlaçam-se nas formosas tranças, em quanto os rouxinoes, com subsidio do governo, gorgeiam para os lados de S. Carlos.

— Lisboa está no goso pleno de tão appetitosa quadra. Ha peças novas quasi todos os dias, annunciam-se comedias originaes, apreçoam-se beneficios, narra-se um ou outro escandalo ligeiro proprio da estação, discutem-se os projectos de lei que o ministerio tenciona apresentar ás camaras, segredam-se recomposições governamentais e decomposições particulares, observam-se enfim os mil factos que caracterisam a vida artificial e extra-biblica das grandes cidades. Simplesmente Lisboa, na sua qualidade de moderna Babylonia *de ida e volta*, tem de ser modesta e prudente em todas estas manifestações, attendendo a que, se faz todas as despezas logo nos primeiros dias, fica desarmada para as bacchanas ultteriores.

— S. Carlos deu-nos uma coisa nova, isto é, uma coisa nova este semestre. Proporcionou aos *dilettanti* a *Aida*, muito bem cantada, como ella se não cantara ainda até hoje n'aquelle recinto. Ha sempre uma certa differença entre

as operas cantadas conforme os criticos lyricos de S. Carlos as descrevem, e as operas cantadas segundo os espectadores as ouvem; é todavia certo que d'esta vez a *Aida* achou na pessoa da Borghi-Mamo uma interprete apaixonada, e além de apaixonada, com excellente voz e esplendido talento. A paixão só por si pôde servir de muito nas relações particulares; nas relações theatraes nem sempre. A sr.^a Fricci tambem resgatou no papel de *Ameris* quaesquer faltas, — especialmente a de voz, — que por ventura tivesse committido na *Favorita*, e o proprio tenor o sr. Bulterini chegou a ser inspirado!

Como noite de delirio official e particular, ha muito que os annaes de S. Carlos não rezam d'outra assim!

A Trindade proporcionou aos *dilettanti* d'ordem secundaria e aos amadores sem subsidio, a *Madame Favart* de Offenbach, *pochade* em tres actos e trinta gargalhadas, mas em todo o caso um primor no genero. Assim ella fosse cantada.

Isto, porém, é que os emprezarios já desesperam de conseguir da larynge patria. Tudo ha a esperar d'ella: que dê vivas ao ministerio, que reze a ladainha de todos os santos, que faça discursos nas assembléas geraes, ou que proclame mesmo a independencia nacional, tudo, menos que cante qualquer d'estas coizas no devido tom!

Ainda ha poucos dias, como toda a gente se recorda, o mais reputado tenor do paiz, aquelle que no estrangeiro era o representante do nosso mundo vocal, tal qual o sr. Correia Leite o está sendo do mundo litterario, teve em S. Carlos o mais desgraçado Waterloo que se pôde dar na vida d'um tenor! Houve quem alcunhasse de anti-patriotica a platéa do theatro lyrico por ella ter tratado com pouco carinho o sr. tenor Gazul, mas n'este ponto acho-me em profundo desacordo com os *socios* da revolução de 1640. A acção pôde ser anti-delicada, mas não é de certo contra os interesses e os brios nacionaes, pois que está provado que um paiz quanto menos tenores possue mais forte é, mais comprehensão tem dos seus destinos.

Haja vista a Inglaterra, a Allemanha, os Estados-Unidos. Na França depois do imperio, começou mesmo a haver uma grande carestia de tenores, e a Italia é o unico paiz que ainda os produz — para exportação, se bem que já não seja em tanta abundancia como no tempo em que estava dividida em varias nacionalidades mais ou menos ridiculas. A escacez de tenores coincide ali perfeitamente com os novos assomos de energia.

Desafio os *dilettanti* a contestarem-me esta proposição.

Não depõe por consequencia nada contra os destinos patrios a circumstancia do paiz não possuir tenores e da Trindade não ser um primor de afinação. A *Madame Favart* é entretanto bem representada, e sobretudo não faz propender para o somno. Haja, vista, por exemplo, o *Salto do Pasiego* nos Recreios. Bonitas vozes, afinação quasi irreprehensivel, mas libretto destavel, declamação vilipendiosa e musica cheia de pretensão. O maestro Caballero é inegavelmente um compositor de talento, mas quando sae das tradições da musica hespanhola para arremedar Mayerbeer lembra os antigos bardos que no tempo do romantismo faziam *orientaes* para se parecerem com Victor Hugo. Assim, por exemplo, no *Salto do Pasiego* temos a cabrinha e o tilintar do guizo da *Dinorah*, mas na verdade o que se aproxima mais da obra de Mayerbeer não é positivamente a partitura é... a cabrinha.

O *Salto do Pasiego* tem todavia bonitos trechos de musica, e alguns d'elles, especialmente a valsa do terceiro acto, são deliciosamente cantados pela sr.^a Cortez, uma das mais completas cantoras de zarzuela que depois da afamada Zamacois tem vindo a Lisboa.

N'este ponto a Hespanha leva-nos completamente de vencida. Ah, mas enquanto ella tiver tantos tenores não devemos receiar muito. Lembre-se o leitor da minha theoria para se consolar do sr. Gazul!...

— Pelo que respeita a theatros de declamação, disseram ha pouco os jornaes que se estava traduzindo novamente do francez o melodramma *Triata annos ou a vida d'um jogador*, para subir em breve á scena. Se é verdade, é possivel que fechemos o anno com o *Captivo de Fez* e os *Sete Infantes de Lara*. Mas por outro lado annunciava ha dias uma folha que um dramathurgo-parteiro, d'esses que se occupam em *extrair* dramas das entranhas dos romances alheios, arrancara uma peça em cinco actos do *Primo Bazilio*, e se propunha a fazel-a representar n'um dos theatros de Lisboa. Acho irreconciliaveis estas duas tendencias tão oppostas, mas fico antes pelo *Captivo de Fez*. Principalmente por estar convencido d'antemão que Eça de Queiroz de forma alguma consentiria que um fabricante de actos lhe profanasse uma obra do seu espirito.

Seria o mesmo, pouco mais ou menos, do que Praxitelles dar licença para se collocar um candelabro na cabeça da sua Venus, de maneira a apropriar-a á iluminação a azeite.

— Depois das peças novas que ultimamente subiram á scena, a coisa em que mais se falla é na opera-comica, actualmente em ensaios de apuro para ser representada, em janeiro proximo, no recinto de S. Bento. O ministerio está a estudar os papeis, os galans da opposição e as ingenuas da maioria já sabem todas as inflexões, e a comparsaria está completamente sciente das marchas e contramarchas que tem d'executar no som do apito do contraregra.

Dos theatros subsidiados é evidentemente este o que mais entretém as galerias, ainda que na verdade não se possa dizer que sejam grandes os arrebatamentos que as actas das sessões produzem, quando as lemos transcriptas no *Diario*.

GUILHERME D'AZEVEDO.

MANUEL BORGES CARNEIRO

IV

1878-1883

Operada a reacção e usurpação, encetou o novo governo um systema diametralmente opposto ao que houvera seguido o governo liberal. Quanto este tivera de tolerante, moderado, generoso até, tanto o outro regorgitou de perseguidor, rancoroso e tyranno. Defendiam o altar e o throno, que ninguém perseguira, e para maior gloria da religião ia o filho de D. Carlota Joaquina gosando as delicias que rompiam d'entre as graças delicadas das gentis fidalgas da sua corte, ou d'entre as formas plasticas das saloias de Queluz e do Ramalhão. Eram *justificadas* estas inclinações do moço infante, tornado rei de facto; e a voz publica nunca cessou de propalar que, seduzido pelos encantos da esposa de um dos seus ministros, deixava a este fazer quanto lhe aprazia. Junta-se a isto a sua paixão pela tauromachia, sendo eximio em varias sortes n'este genero de passatempo.

No entanto as cadeias atulhavam-se de individuos de todas as gerarchias, classes e condições, que ás vezes pelo mais futil pretexto eram considerados *malhados*; nomeavam-se alçadas para devassar das opiniões dos cidadãos, e os degredos, os confiscos, as execuções serviam de desenojoativo aos continuados prazeres do principe. A cada olhar de fidalga, correspondia algum aggravamento de carcere ou bastonada, applicada pelo Telles Jordão em qualquer desembargador, ministro ou general; a cada sorriso de saloia respondia o João Branco deapando uma cabeça; cada péga de cara n'um garraio, era applaudida pelo Joaquim José Maria, Miguel Alcaide, Santo Christo d'Argel e quejandos com meia duzia de cacetadas nas costas de algum cidadão pacifico. Assim se defendia e abrilhantava o altar e o throno!

Os homens que mais tinham figurado durante o periodo constitucional, não podiam deixar de merecer uma attenção muito especial,

de tão salutar governo. Os que não puderam ou não quiseram pôr-se a salvo, expatriando-se, raro escaparam às pesquisas da policia, e foram pouco a pouco recheando os carcereiros; d'elles uns saíram para serem enforcados, outros para o desterro, e quantos pagaram nas masmorras, com a vida, o crime do seu acrisolado patriotismo!

Borges Carneiro não podia escapar. Foi demittido do logar de desembargador da casa da supplicação e mandado riscar do quadro da magistratura. A magistratura não tinha membro mais condigno, justo era que, quando ia ser manchada por tanta torpeza, afastassem do seu seio um dos caracteres mais inteiros da sua epoca. Borges Carneiro, tal era a tranquillidade e pureza de sua consciencia, que se conservou em Lisboa. Durante a primeira demissão, em 1823, ainda passou algum tempo na sua casa da Quinta das Cotas, na provincia; agora, porém, não se afastou da capital. Um dia entrou em casa visivelmente incommodado: «Manuel, — disse ao seu honrado criado, de quem termos de fallar, — offenderam-me, fui insultado na rua, no Chiado, julgo que não posso tornar a sair.» Não passaram muitos dias que não fosse preso, conduzido ao Limoeiro, e d'alli transferido á torre de S. Julião da Barra, onde outros seiscentos infelizes lhe foram fazer companhia em diferentes epocas. Almeida, Elvas, Estremoz, Porto, e quantas praças e cadeias tinha o reino, estavam a trasbordar de encarcerados. Ali encontrou muitos collegas dos bancos das côrtes; generaes, ministros, juizes, officiaes, negociantes etc., com o seu assassino ou malandro á mistura. Pena foi que não chegassem a vêr a luz publica as memorias que muitos d'esses homens escreveram em ferros, que escondiam na terra em vasos de barro, nos enxergões, no fôrro dos capotes e em muitos outros logares, que a imaginação lhes suggeria, para escaparem ás visitas repetidas, porque ellas dariam um quadro altamente interessante; ainda assim, restam-nos os apontamentos de J. B. da Silva Lopes, publicados com o titulo de *Historia do captiveiro dos presos da torre de S. Julião da Barra*, que nos fornece os traços mais geraes d'esse longo martyrologio.

A necessidade de resumir força-nos a não ir incommodar o leitor com o longo sudario das miserias soffridas durante quasi seis annos, por tanto homem distincto, nas masmorras de S. Julião da Barra. Na maior parte d'esse periodo foi governador d'ella Joaquim Telles Jordão, cujo nome ficou exposto á execração da posteridade. Fôra soldado valente, exaltado partidario do movimento de 1820, commandando então o regimento n.º 3 de infantaria, pelo que foi recompensado com o posto de brigadeiro, mas despeitado, segundo parece, por não ter sido o seu nome incluído entre os dos benemeritos regeneradores d'aquella epoca, passou-se á parcialidade de que era fautor o, depois, marquez de Chaves, e mostrou posteriormente que nem era liberal, nem absolutista, mas simples e puramente — um perverso. Respiraram alguma cousa os presos durante o curto governo do marechal de campo Diogo da Cunha Souto Maior, que o substituiu, tornaram a soffrer algum rigor durante o governo do brigadeiro Raymundo José Pinheiro que lhe succedeu, melhorando alguma cousa com o do coronel Santa Barbara, que a 29 de abril entregou de novo o governo da praça a Telles Jordão. Offensas corporaes, doestos, humilhações de todo o genero, faltas de soccorros nas doencas, escassez e carestia de comida, extorsões, piratarias de toda a especie, tudo era permittido, por aquelle verdugo, aos seus apaniguados. A maior parte dos officiaes da praça orçavam em illustração e sentimentos pelo governador. Por uma simples questão de limpeza de carcere distribuíram os presos da abobada 132, entre os quaes estava Borges Carneiro, por outras, tirando então os manuscritos litterarios d'este para um corredor, onde ficaram algum tempo, sendo salvos pelo seu criado Manoel Luiz. Quando um dia foi necessario ir um dentista á Torre tirar um dente a Borges Carneiro, que havia dias soffria d'elle, o major da praça,

que presidia á operação, dizia que lhe deviam arrancar todos, e até a cabeça a todos elles. Ainda assim, Borges Carneiro, com o padre Ferrão, Velho da Costa, Pereira de Mello, eram os que mais soccorriam os presos necessitados. Borges Carneiro teve, durante o seu captiveiro, um dos auxilios que, felizmente, se tem dado com outros infelizes em eguaes circumstancias. Um criado, mais do que servidor, um amigo, de quem precisamos fallar, foi a sua providencia e a de muitos outros. Era este, Manoel Luiz de Sousa Vieira, que muitos dos nossos leitores devem ainda ter conhecido no *Club lisbonense*, onde durante cerca de trinta annos foi mordomo.

Manoel Luiz, era filho de outro Manoel Luiz de Sousa, o Arrabaça, natural de Caravide, que foi o primeiro fiel ou guarda da fabrica da Marinha Grande.

Quando os francezes invadiram Portugal recommendara-lhe o proprietario que lhe tomasse conta da fabrica e curasse pela sua conservação. Chegados que foram aquelle ponto começaram a sua obra de destruição e para se distrahiem formaram uma grande pilha de madeira; descobrindo Manoel Luiz que com o pequenino Manoel se andava escondendo, agarraram-nos, lançaram-nos sobre a pilha e deitaram-lhe o fogo. Um toque de corneta fel-os retirar d'alli, e o velho Manoel Luiz ponde, a custo, com o pequeno, deitar-se da pilha abaixo, soffrendo porém algumas queimaduras, e fracturando ou deslocando um braço. Entregando o filhinho aos cuidados de um seu amigo da Vieira, dirigiu-se á Figueira para onde tinha mandado retirar a esposa e as filhas. Estando ali alguns dias, não lhe soffrendo a sua fidelidade deixar a fabrica sem vigia, fez caminho para ella pela borda do mar, mas chegando á sua terra, e agravando-se-lhe o padecimento do braço, falleceu ao fim de quatro dias, deixando a sua viuva com tres filhas: Maria Custodia, que ainda vive com 96 annos de idade, Luiza Maria, Custodia e o pequeno Manoel. Foi-se criando este, e quando Borges Carneiro serviu de Provedor em Leiria de 1812 a 1817 entrou o moço Manoel ao seu serviço.

Mandou-lhe o amo ensinar a ler e escrever, e pouco a pouco foi-se gerando no criado uma tal affeição para com elle, que se converteu antes no respeito, dedicação e fidelidade de um amigo, que na fria correspondencia de um serçal mercenario.

Durante a prisão de Borges Carneiro os sentimentos de Manoel Luiz elevaram-se á altura do sacrificio. Não só guardou, arrecadou e religiosamente conservou tudo o que era de seu amo, mas administrou a sua pequena fortuna de modo, que abastava ás precisões d'aquelle, chegando ainda ás dos companheiros mais necessitados.

Concluo)

BRITO REBELLO.

MARINHA PORTUGUEZA

I

COMBATE NAVAL

A historia maritima de Portugal, que offerece os mais brilhantes episodios de que um povo de navegadores e de guerreiros se pôde gloriar, está ainda por escrever. Da longa serie de grandiosos factos, que teve principio logo depois da fundação da monarchia portugueza, continuando até quasi aos nossos dias, e que assombraram o mundo, legando-nos immorredoura gloria, apenas um ou outro, dos mais modernos, é apontado em folhas soltas, contemporaneas d'esses successos, e nos folhetins maritimos de Celestino Soares, e dos mais antigos, dão conta as velhas chronicas e narrativas, hoje raras, e longe do alcance de um publico geralmente pouco dedicado a este genero de estudos e investigações.

Não vamos, porém, escrever aquella historia, nem tentamos sequer fazer a nossa epopeia

naval, referiremos simplesmente em rapido esboço um ou outro feito brilhante, representado nas nossas gravuras.

Dos combates navaes, muitas vezes feridos entre forças da nossa parte inferiores em relação ás do inimigo, é difficil destacar um, escolher este ou aquelle nome de valente capitão ou marinheiro, que batalhou pela honra da bandeira confiada á sua guarda, quando tantos conquistavam esse galardão com audacia notavel; não é nosso intuito dar primazias ou preferencias, que não ha, quando o valor era apanagio de todos, e os trabalhos no mar tão denodadamente por todos sustentados.

Levantamos pois, ao acaso uma d'essas folhas soltas, o *Relatorio impresso em Lisboa na officina de Pascoal da Silva, impressor de sua magestade, no anno de 1716*, e n'elle encontramos referido o combate naval que o lapis de João Dantas tentou representar no desenho, e que o buril experimentado do sr. Pedroso reproduziu, e hoje apresentamos na nossa gravura.

Dos tres navios que a nossa estampa representa, empenhados em lucta tão desigual, um d'elles, o do centro, é portuguez. Era a fragata *Nossa Senhora da Nazareth*, commandada pelo capitão de mar e guerra Paulo da Costa, que de Macau seguia para Goa como *nau de viagem*.¹ As outras duas fragatas eram francezas commandadas pelo capitão Henrique Bonot, temido n'aquellas paragens, e que esperava a *Nazareth* para a tomar e conduzir a Manilha, aonde tinha promettido levar-a apresada.

Teve noticia d'isto Paulo da Costa quando chegou a Macau em viagem de Goa; e, sem receiar a superioridade das forças que tinha a combater, preparou-se para a lucta e largou do porto de Macau para Goa a 17 de janeiro de 1714, seguindo com ventos favoraveis, mas por fim muito bonancosos até á altura de Malaca, que avistou a 6 de fevereiro.

Entre os navios que se viam no ancoradouro destacavam-se dois maiores e mais alterosos, que de bordo da *Nazareth*, depois de se prolongar com elles, conheceram ser as fragatas inimigas. Fez-se a nossa nau no bordo do mar, e em seguida os navios francezes suspenderam e fizeram-se de vela seguindo no mesmo bordo da *Nazareth*.

Estava dado o signal para a lucta. A fragata portugueza com 40 peças e 210 homens de tripulação ia entrar em combate com duas fragatas francezas montando 90 peças, e guardadas com 500 europeus e 100 mestiços.

Metteu-se a noite, que os portuguezes passaram em boa vigia, e ao amanhecer do dia 7 avistaram os dois navios francezes ao mesmo rumo, mas muito distanciados, não conseguindo aproximar-se em todo o dia por falta de vento.

Na noite seguinte, obrigada pelas condições do tempo e do fundo, ancorou a nossa fragata, conservando a guarnição a postos á espera de ser atacada. Ao amanhecer do dia 8 foram avistadas as duas fragatas inimigas tambem fundeadas a distancia de duas ou tres milhas. Levantaram logo ferro, e, impellidos por uma leve aragem, conseguiram collocar-se ao alcance de tiro da fragata portugueza, que rompeu o fogo içando bandeira.

Começou então o combate sustentado pela *Nazareth* com grande valor, e conduzida com extrema pericia apezar de serem dois os navios inimigos. Durante todo o dia não afrouxou de parte a parte o fogo nem a energia da refrega, não havendo vantagem na lucta para qualquer dos combatentes. Ao aproximar-se a noite os navios francezes deitaram á popa, indo fundear longe, e deixando a *Nazareth* senhora do logar da batalha, onde fundeou, porque por uma habil manobra tinha vellejado picando as amarras.

Durante a noite tratou a guarnição portugueza as avarias soffridas no casco e no apparelho do seu navio.

¹ É sabido que se dava o nome do nau de viagem ao navio empregado em certo e determinado serviço, embora fosse navio inferior a nau, como parece que era o de que se trata.

Ao romper do dia 9 vio-se a maior das fragatas inimigas á vela diligenciando ganhar barlavento, e já a curta distancia da fragata portugueza; e a mais pequena tambem já de vela mas mais sotaventada. Suspendeu immediatamente ferro a *Nazareth*, e estando proxima a fragata franceza rompeu esta o fogo com uma banda de metralha, que foi logo respondida pelo navio portuguez com tal vigor e acerto, que o inimigo caiu a ré por algum tempo, para reparar avarias. Voltando novamente á lucta, e ajudada pela fragata mais pequena, que se tinha aproximado, diligenciaram os dois navios francezes bater completamente a *Nazareth*, que ainda por um esforço de arrojada valentia e bem dirigido fogo a obrigou a arribar, fazendo-se ao largo.

De novo ficava a fragata portugueza senhora do campo de batalha.

Não tardou porém que os navios inimigos voltassem ao combate, fazendo um fogo terrivel e vivissimo. A lucta tornou-se então tremenda e desesperada. As descargas succediam-se levando a morte e o destroço ás guarnições e aos seus navios, que eram envolvidos em espessos rolos de fumo. Os francezes desesperados por verem quasi no fim o segundo dia de combate sem terem podido apri-sionar o navio portuguez,

diligenciavam metel-o entre dois fogos, o que conseguiram, para assim o aniquilarem.

Uma balla inimiga cortando a adriça da bandeira portugueza fez com que esta caisse no tombadilho. Os francezes pensando que tinha sido arriada a bandeira em signal de que o capitão Paulo da Costa se entregava, levantaram o grito de *vive le roi*, que veio ferir os ouvidos da guarnição da fragata portugueza.

Foi como um novo alento á indomavel coragem d'estes bravos já fatigados. Aquelle grito de victoria provocou a resposta condigna, que se não fez esperar. A bandeira portugueza foi desde logo içada e fluctuou novamente á vista dos francezes, assombrados por este inesperado acontecimento, e o fogo da *Nazareth*, cuja bateria era commandada pelo immediato do navio, o capitão-tenente Manuel Pestana, tornou-se mais vigoroso e certo.

O estado da fragata inimiga, de maiores dimensões, cravejada de balas, cheia de rumbos, já sem mastareos, e sem verga do velacho, com os cabos cortados e o panno roto, soffrendo ainda o fogo vivissimo e certo da *Nazareth*, cuja ultima banda lhe mettu dentro todo o painel da popa, resolveu o capitão Bonot a desistir do combate, e a arribar seguido da outra fragata,

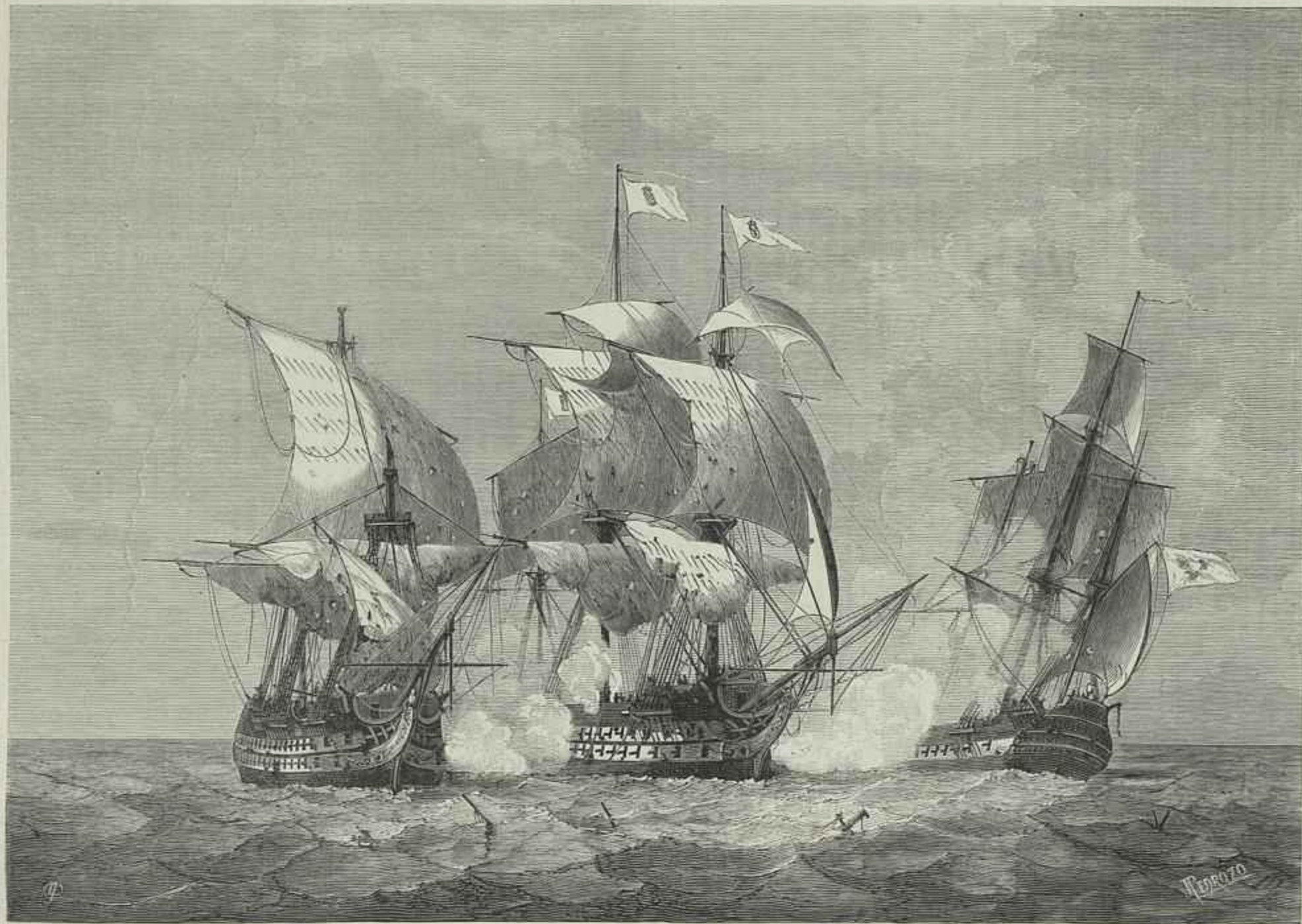


MONSENHOR CAETANO ALOISO MASELLA

Novo nuncio de Sua Santidade junto á côrte de Portugal (Segundo uma photographia)



AFRICA PORTUGUEZA — S. THOMÉ (Segundo uma photographia de Moraes)



MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA. — UM COMBATE NAVAL — (Composição e desenho de J. Dantaa).

sendo ambas acoissadas pela *Nazareth* até ao anoitecer d'aquelle dia, dando então fundo.

Estava terminado o combate.

Apesar do extremo canção ainda a guarnição da fragata portugueza passou a terceira noite a postos, reparando avarias e fazendo novos aprestos, até á manhã do dia seguinte, 10, em que avistaram longe as duas fragatas francezas, meio desmantelladas, e incapazes de renovar a lucta.

E' digna de notar-se a falla que o commandante Paulo da Costa fez aos officiaes sob seu commando, antes de entrar em combate.

«Esta fragata he del Rey nosso Senhor. Leva em si o produzido do negocio da Companhia de Goa, de cujos interesses pende a opulencia do Estado Portuguez na India. Conflou-se ao meu cuidado a sua conducção, e a sua guarda, impondo-me o preceito nas ordens que me deram, não buscasse occasiões de aventural-a. Vossas Mercês souberam muito bem em Macão, pelas noticias tão repetidas que alli tivemos, que este Corsario nos esperava, promettendo entrar triumphante das nossas armas em Manilha, levando esta Não aos olhos dos Castelhanos por testemunho da sua victoria. A verdade d'este aviso se comprova com os havermos achado em Malaca, e com a diligencia que desde alli tem feito em nosso seguimento. Atégora muito contra o meu brio cuydei em evitar o combate, por não me apartar um ponto das ordens do Vice-Rey; mas ao presente todos vemos que nos falta a maré, e o vento para nos adiantarmos. Esta pequena aragem com que os inimigos se nos vem avesinhando, nos não serve a nós mais que para encahar em terra; mas que utilidade podemos tirar d'esta resolução? El-Rey perderá a fragata, a Companhia a fazenda, nós a honra, e as nossas armas o credito. Que vergonha para a Nação entenderem estes Corsarios que lhes vai fugindo uma não de guerra portugueza? Até-qui lhes poderia fazer entender a distancia que continuavamos a nossa viagem: agora que se achão já tão perto, crerão sem duvida que nos acompanha o medo. Estou já determinado a esperal-os surto neste lugar; porque me parece que teremos mais da nossa parte o respeito que inspirará nos seus animos a nossa resolução. Bem considero quanto as nossas forças são inferiores ás suas em vasos, em artilheria, e em gente; mas com menos vantagens costumão pelejar e vencer os Portuguezes, pois com esta excellencia se distinguirão sempre das outras Naçoens. De que nos servirão, senão de injuria, estes aprestes que fizemos em Macão para a peleja? Com razão se diria que quiseamos augmentar os despojos ao inimigo, e ficaria o nosso nome affrontado, e com o opprobrio de fracos, e com o crime de inconfidentes. Não os chamei a Vossas Mercês para lhes recommendar os logares que lhes tenho distribuido, nem para os animar á peleja, porque foi grosseira desatencção minha lembrar-lhes o que já corre por conta da sua honra, e esquecer-me de que são Portuguezes. Todos faremos por imitar os nomes antigos Nacionaes, que com acções semelhantes a milagres assumbrarão este Oriente, e fiserão immortal n'elle o nome da Patria.»

São estas as gloriosas tradições da nossa marinha de guerra.

A. DANTAS.

AS NOSSAS GRAVURAS

D. MARIA CHRISTINA

Archiduqueza d'Austria e rainha de Hespanha

A princeza que acaba de ligar o seu destino ao rei D. Affonso XII chama-se D. Maria Christina Reniera. Nasceu a 21 de julho de 1858 e é filha do archiduque d'Austria, Carlos Fernando, já fallecido, e da archiduqueza D. Isabel Francisca.

Comprehende-se bem que a biographia d'uma princeza de 21 annos se possa fazer em poucas linhas. A historia para ella póde dizer-se que principia agora. E' joven, formosa, possui todas as prendas d'alma e todos os primores da educação d'uma princeza allemã.

O livro do seu destino está n'este ponto fechado. E o destino hoje é tão caprichoso para com aquelles que o acaso do nascimento tornou os grandes personagens da historia!...

A joven princeza austriaca vem trazer os encantos da sua belleza e do seu espirito a um paiz extremamente sentimental e impressionavel para se deixar fascinar por elles, mas em todo o caso profundamente caprichoso para n'um accesso de nobre impulso leonino se lembrar um dia de partir tão doces grilhões.

Como quer que seja, tudo promette, todos os horoscopos são unanimes em annunciar que a joven rainha gosará no throno de Hespanha, ao lado de D. Affonso XII, em quanto a providencia ou os homens consentirem que ella ahí esteja, d'essa ventura radiante que ás vezes é tanto o apanagio dos reis como dos pastores.

MONSENHOR CAETANO ALOISO MASELLA

Nuncio de Sua Santidade

O novo enviado da Santa Sé junto do governo portuguez, Monsenhor Aloisio Masella, nasceu em Portocorvo antiga cidade dos estados romanos em 30 de setembro de 1826.

Destinado por seus paes á vida ecclesiastica foi educado em Napoles completando os seus estudos philosophicos e theologicos no seminario do Papa em Roma, aonde recebeu o grau de doutor em sciencias.

Tomou ordens sacras em 1849, quando o exercito francez sitiava Roma. No anno seguinte encetou a carreira diplomatica sendo nomeado por Pio IX secretario da nunciatura em Napoles, aonde se distinguio d'uma maneira notavel, sendo em 1855 elevado a auditor.

Em março de 1859 foi enviado como nuncio junto do principe Ghigi em Munich, conservando-se n'esta posição até 1864 em que foi transferido para Paris. Em 1867 foi de novo chamado a Roma sendo nomeado no anno seguinte particular do Santo Padre e adjunto ao supremo tribunal de justiça.

Ao levantar-se o conflicto entre a igreja Armenia e a Grega, foi monsenhor Masella enviado a Constantinopla em missão extraordinaria, prestando então relevantes serviços á Curia Romana. Foi nomeado secretario da propaganda no Oriente em março de 1874, e elevado depois a arcebispo de Cesarea.

Nomeado, por ultimo, nuncio de Sua Santidade na corte de Lisboa, foi por sua magestade el-rei D. Luiz recebido com as solemnidades do estylo no Paço da Ajuda, no dia 20 do mez de novembro ultimo, depondo nas mãos do monarcha as cartas pontificias que o acreditam em tão elevadas funcções.

Tal é em traços breves e sucintos, a carreira diplomatica do novo enviado de Roma, taes são os serviços prestados pelo respeitavel sacerdote aos interesses da Igreja catholica.

AFRICA PORTUGUEZA — S. THOMÉ

A pittoresca povoação representada na nossa gravura, é a capital de uma das nossas mais opulentas provincias ultramarinas e das mais promettedoras pelas condições especiaes do clima e do solo, desde que uma administração sabia e intelligente saiba tirar as devidas vantagens dos naturaes recursos de tão uberrima região.

Como a maioria das nossas colonias, S. Thomé lucta principalmente com a falta de braços que não lhe permite a exploração dos seus productos em ponto tão grande como o deveria ser. A cultura do café, por exemplo, um genero tão precioso no commercio e que em S. Thomé se dá d'uma forma admiravel, não tem attingido o desenvolvimento que seria para desejar e a que em poucos annos chegaria, se os agricultores não luctassem com semelhante embaraço.

A povoação de S. Thomé, como se vê da nossa gravura, tem um aspecto extremamente pittoresco. Nos ultimos annos tem-se desenvolvido e melhorado em edificações tanto publicas como particulares, sendo de esperar que em resultado da attenção que a metropole começou nos ultimos tempos a dar ás suas possessões, atinja em breve um grande desenvolvimento.

CELORICO DA BEIRA — O MERCADO

Celorico da Beira, toda a gente o sabe, é uma antiga e importante villa da provincia da Beira Baixa, a 18 kilometros ao oeste da Guarda, nas vizinhanças da celebrada serra da Estrella. Ao que se diz, foi fundada por Brigo, quarto rei de Hespanha, mas o nosso proposito não é fazer uma resenha historica d'este povo, é simplesmente apontar ao leitor a gravura que hoje damos nas paginas do Occidente e que representa o aspecto da villa e do importante mercado que alli tem logar duas vezes cada semana, e que é extremamente abundante, especialmente em trigo.

Devemos notar que a estampa que damos é desenhada sobre uma photographia que obsequiosamente nos foi enviada pelo sr. Augusto de Sá Mendonça e Albuquerque, presidente da municipalidade d'aquella villa.

DEPOIS DO JANTAR

Elles tinham bebido a ultima gota de café por umas chavenas pequeninas, brancas, de porcellana finissima.

Deram um beijo e retiraram-se para o gabinete, onde se recostaram em duas bellas cadeiras longas, fôfas, convidativas ao somno, ao descanso d'um bom jantar.

Havia seis mezes que se tinham casado, que um padre com o seu latim lhes tinha permitido trocarem os seus abraços e as suas caricias. E ella embrulhada, galantemente, n'um roupão de lã, deixava perceber que não vinha muito longe o dia em que seu esposo receberia a coroação de paé.

Tinham comido com um magnifico appetite. O cavaco estabelecera-se á mesa com a animação propria de dois bons amigos; discutiram umas pequenas coisas, uns negociosinhos de casa, beberam á saude um do outro, depois de aberto um falerno de quinze annos, emfim passaram deliciosamente, uma hora saboreando um bello jantar, servido com todos os attractivos, com os nadinhas adoraveis, que lhes dava um tom principesco, apezar da sua mediocridade.

Elle, o esposo feliz, accendera um bom charuto e contemplava, preguiçosamente, as nuvensinhas de fumo azulado que se perdiam no ar. Tinha as pernas estendidas a cabeça inclinada para traz, entregue á mais completa despreocupação.

Ella deixava entrever um delicado pé n'um sapato de setim côr de rosa, pousado sobre um tamborete bordado, e palitava, negligentemente, uns dentes brancos, eguaes, aromatisados, sentindo-se bem n'aquelle confortavel paraíso, onde a primeira duvida ainda não tinha ousado penetrar.

O seu collo descobrindo-se no meio d'uma camisinha bordada, deixava distinguir as veias delgadas e graciosas do corpo gentil e franzino de tão encantadora mulher.

— Deixas-me experimentar?

— O que?

— Esse charuto. Tem uma cinza tão clara, um perfume tão bom, tão agradável.

E com os seus finos dedos accetito o charuto d'onde extrahiuh algumas fumaças com uma galanteria e uma simplicidade invejáveis.

— Que bom! exclamou ella restituindo-l'h'o. Estamos tão longe...

E aproximou-se, mudou de cadeira, sentou-se ao seu lado direito. Começou a brincar-lhe com os cabellos, a beijal-o levemente, furtivamente, a estender o braço semi-nu sobre o pescoço do seu maridinho, retorcer-lhe as guias do bigode, a dar-lhe excitações nervosas, a despertar-o do lethargo a que este parecia dedicar-se.

— Não quero que durmas... Vamos...

— Para onde? estamos aqui tão bem...

— Mas tu dormes, e se dormes fico só, faz-me pena... Então...

— Não durmo, não. Ao pé de ti é impossível.

E cerrava as palpebras insensivelmente.

— Pois não has de dormir. Não consinto, dizia ella levantando-l'h'as com as pontas dos dedos. Levanta-te, anda... Vamos...

Não lavámos a bocca com a agua do dr. Pierre. Acompanha-me á toilette. Não sei o que parece um descuido d'estes.

E puxava-o pelos braços, fazendo uma força enorme, até que elle cedea dando uma gargalhada, fazendo-lhe surriada por não poder.

Enxaguaram a bocca, lavaram as mãos com sabonete de violeta, ella besuntou-lhe o nariz com um pouco de espuma, riram-se muito, elle correu atraz d'ella, que se deixou cair sobre uma ottomana e, na sua queda, saltou-lhe o sapatinho.

— Calça-m'o... exclamou ella com a voz languida, suffocada. E baloicava o pé, envergonhada do seu desastre.

Elle poz-se de joelhos para lhe obedecer.

— Ai, não faças cócegas...

E fugia.

— Ficamos aqui? interrogou elle!

— Sinto-me um pouco tonta. Aquelle copinho de cognac fez-me mal.

E estendeu-se ao comprido.

— Vamos passear ao jardim?

— Agora? exclamou ella dando um salto e enroscando-se-lhe ao pescoço como uma serpente. Ora deixa-te d'isso. Está lá muita humidade. Conversemos antes, fallaremos do nosso futuro. Em breve...

— Teremos um terceiro assistindo ás nossas fantasias domesticas. Ah, se fôr um rapaz...

— Hade ser o terror das salas. Um lindo rapaz, não é verdade? Mas prefiro uma menina, muito delicadinha, muito elegante, que ao apresentar-se nos theatros, nos bailes, nos passeios seja o espanto e o enlevo da multidão. Uma menina tão linda como...

— Como tu, concluia elle dando-lhe um piparote na barba.

— Lisongeiro...

— Ha de ser educada a capricho. E se fôr um rapaz seguirá a carreira...

— Militar, nunca. Da marinha, ainda menos afastar-me d'elle, arriscar-me a morrer longe do meu filho. Faz-me pavor pensar em tal.

— Não. Destinal-o-hei a engenheiro, ás grandes investigações da sciencia. Exercitar-se-ha em gymnastica aos dez annos, jogará as armas, montará a cavallo, fallará muitas linguas. Ha de ser a minha melhor obra... verás...

— E minha.

— Nossa, está dito. E que felizes seremos com elle. Mas se nos sair rachítico, obcecado, com maus instinctos... concluia o esposo com uma sombra de tristeza.

— Oh, não, não, é impossivel... Então quem somos nós? Um duo elegante, ambos bonitos, intelligentes... Não é verdade? dizia ella sorrindo... Ai, o que é isto... Tenho um bicho nas costas. Acode-me.

E desabotoava-se, deixando ver uma escultura a que um folhetenista em botão chamaria de Phidias, o cinzel mais democratisado pelas pennas dos escrevinhadores.

— Não tens nada, absolutamente nada.

— Tenho sim. Vê bem.

E elle examinava-a cuidadoso, sentindo-se prender, como borboleta fascinada pela luz.

E enlaçavam as mãos, brincavam como duas crianças, inebriadas no amor que as unira para sempre, fazendo votos pela sua eterna lua de mel, felizes, alegres.

Elle olhando-a n'um delirio de entusiasmo dizia-lhe:

— Vale bem este dia de hoje toda a minha vida de solteiro.

E ambos sobre a ottomana agradeciam a Deus tão grande felicidade.

Nas vidraças batiam os primeiros pingos d'uma chuva de setembro.

Sentiu-se parar uma carroagem.

Uma campainhada. Ambos se sentaram como que empellidos por uma mola.

— Quem será?

E fitavam-se com uma seriedade irreprehensivel.

— Na sala proxima do quarto de toilette ouviam-se vozes.

— E' minha sogra!... disse elle erguendo-se com um mau humor muito pronunciado. E' tua mãe...

— Dizo-lhe que não estamos em casa e puxava-o para o pé de si.

— Dão licença? perguntaram da sala batendo com os nós dos dedos na porta do quarto.

— Que massada! exclamou o marido pondo-se de pé.

Ambos se levantaram e a porta abriu-se. Era ella. Que má occasião.

CARLOS DE MOURA CABRAL.

HENRIQUE C. CAREY

I

Morreu ha poucas semanas, em Philadelphia, Henrique C. Carey, um dos fundadores da Economia poli-

tica, tal como ella está hoje constituída, e o homem cujas idéas mais influíram talvez na legislação, na politica e na situação economica dos actuaes Estados Unidos.

Morreu com 90 annos e foi até morrer o conselheiro mais venerado dos politicos, dos financeiros, dos homens dominantes do partido republicano da America.

Não é um estudo das obras d'este escriptor que eu vou aqui apresentar, — mas apenas o esboço de uma das mais caracteristicas e notaveis phisionomias de um homem de quasi um século de trabalho, que eu tive occasião de conhecer de perto.

Ha 14 annos que, estudando economia politica no meu curso de agronomia, eu li pela primeira vez os *Principios da Sciencia Social*, do americano Henrique C. Carey.

São 3 volumes que fazem pensar muito. As leis, propriamente economicas, são ali tratadas como prendendo-se intimamente á grande sciencia da sociedade e derivando immediatamente do estudo do homem. Nunca, depois de Augusto Comte, eu tinha visto tratar, tão profunda e largamente, um assumpto. — Eu lia justamente n'esse tempo a *Philosophia positiva*, cuja influencia é evidente na obra de Carey, guiando-o no methodo de investigação, e dando-lhe as bases d'uma classificação das industrias.

Soube então que a esse tempo, (1865), Carey demonstrara já que a lei do valor das coisas é o seu preço de reprodução ou o trabalho poupado em as adquirir por meio de troca; que, na harmonia de todos os interesses, não é necessario, como antes se julgava, que um deva perder para que outro ganhe (1837);¹ que as bases da theoria da renda de Ricardo são falsas, por isso que a cultura começou em toda a parte pelas terras menos férteis, sendo as ultimas cultivadas as que mais produzem, mas as que de mais meios de exploração precisam; e que assim, contra a doutrina de Malthus, é pelo augmento da população que augmentam as subsistencias (1848);² que o desenvolvimento das industrias, a diversidade das produções, aglomerando n'um paiz as populações industriaes, é a grande base da agricultura adelantada e prospera; que assim entre todas as industrias, a harmonia de interesses é completa (1851);³ que existe uma perfeita identidade entre as leis phisicas e naturaes, e que a sciencia social é a sciencia das leis que regem o homem nos esforços para adquirir a mais elevada individualidade e o mais consideravel poder de associação com os seus semelhantes (1857).⁴

Mestre, n'um grande numero de pontos de vista, dos economistas modernos mais populares da França desde Bastiat, Carey allgurava-se-me um antepassado, um classico morto.

II

Uma noite, onze annos depois, em setembro de 1876, estando eu no Jardim do Banqueiro A. J. Drexel, em Philadelphia, veio fallar-me o professor Reulleaux, director da Escola Polytechnica de Berlin, com quem por vezes eu tinha tido a honra de discutir assumptos economicos.

— Vamos fallar ao Carey? disse-me elle tomando-me pelo braço e indicando-me um grupo que estava em volta d'uma mesa.

— Fallar ao Carey! disse eu espantado. Fallar ao Carey economista?

— Decerto, respondeu-me o professor Reulleaux. Não o conhece ainda? Eu o apresento.

Sentado junto d'uma meza estava um homem de longos cabellos brancos, com as costas levemente curvadas, de casaca e gravata preta. Esse homem fallava em francez com bastante facilidade e uma grande animação. Em volta estavam, entre outras pessoas que eu não conhecia, o commandante Du Perrier, do *Bureau des Longitudes*, E. Levasseur, do Collegio de França, Carlos de Bielski, commissario da Russia na Exposição, Eduardo Guyer, commissario da Suissa, o dr. Baumhauer, o celebre chimico hollandez, o conde Dassi de Italia, o professor Nordenskiöld, que ultimamente realiso, por perto do polo norte, a viagem do Japão, e o economista allemão Arthur de Stauditz. Todos lhe fallavam e Carey a todos respondia, prompto na replica, com uma voz forte e moça; e, debaixo das sobrancelhas espessas e ainda escuras, os seus olhos tinham um brilho intenso.

Carey, que eu supozera morto, estava pois vivo, com 87 annos de idade, discutindo á meia noite.

Aquelle velho era o centro intellectual de toda aquella reunião.

Fui-lhe apresentado pelo professor Reulleaux.

No dia seguinte mandou-me elle pelo correio as cartas que ainda 6 mezes antes escrevera ao *Times* de Londres com o titulo de: *O commercio, o christianismo*

¹ *Principles of Political Economy 1837-1840.* — 3 v.

² *The past, present and future.* 1848.

³ *The harmony of interests agricultural, manufacturing and commercial.* 1851.

⁴ *Principles of Social Science.* 1857-1859. — 3 v.

e a civilisação contra o livre cambio inglez,¹ e convidou-me a ir a sua casa todos os domingos, ás 5 horas da tarde.

Carey morava na rua de Walnut entre as ruas 12 e 13.

Era no seu gabinete, em baixo, quasi ao rez do chão, que elle ao domingo recebia.

Esse gabinete era composto de duas salas, apenas divididas por um grande arco. Na mais pequena, mas na mais clara, para o lado da rua, havia mezas e algumas estantes com livros: era onde elle escrevia. A outra era maior, ao fundo, e cercada inteiramente por estantes baixas. No centro havia uma grande meza, e ao fundo, occupando quasi metade da sala, um esplendido bronze, reproduzindo, em grandexa talvez igual a metade da natural, a celebre *Amazona* de Augusto Kiss, que está diante do mauzeu de Berlin: — um cavallo recua desvaivado, procurando lutar contra uma leoa que se lhe tem lançado aos peitos, enquanto a Amazona que o monta na guarupa, com os seios descobertos, os cabellos irrisados, um barrete phrygio na cabeça, uma mão segura ás cinzas, vae com a outra enterrar uma lança na fera.

Quando no primeiro domingo depois da recepção em casa de Drexel, eu entrei ás 5 horas da tarde no gabinete de Carey, estava elle só. Conversámos então longamente. Carey, que em muitos dos seus escriptos foi severo para com Portugal, tinha grande curiosidade de conhecer os ultimos progressos d'este paiz.

Por fim disse-me sorrindo:

— Vae hoje assistir, aqui em minha casa, á reunião de um club de excetricos: é o *Hock-Club*. Ha mais de 60 annos que eu e alguns amigos nos associámos com o voto solenne de só bebermos, nas nossas reuniões, vinho do Rheno, *Hock*. Dos socios fundadores apenas existem hoje 3, maiores de 80 annos. Eu sou um d'elles. Vae logo vêr o outro, o general Patterson.

Com effeito, pouco depois, começaram a chegar os socios do club.

Então dirigimo-nos para a sala maior, e todos nos sentámos em volta da meza, onde um criado acabava de collocar candelabros acesos, diante do bronze extraordinario de Augusto Kiss.

A cada conviva foi dado um copo de vidro verde, e Carey pegou n'uma garrafa delgada, pyramidal, de longo gargalo estreito, encheu com ella o seu copo, passou-a ao visinho e assim circulou de roda a garrafa até que se esgotou.

Entretanto conversava-se com animação sobre economia, sobre finanças, sobre philosophia, sobre politica. Nem todas as pessoas se demoravam muito. As que entravam fallavam de roda e sentavam-se tomando um copo. Um retiravam-se cedo, sem se despedirem; outras conservavam-se até ao fim. Os socios mais demorados, os mais certos todos os domingos, eram o general Patterson, o velho general octagenario, fundador do *Hock-Club*, sempre de casaca azul com botões amarellos, de physionomia al gre, animada e moça; o juiz W. Kelley, o discipulo querido de Carey, a sua voz durante os ultimos annos na camara dos deputados e na imprensa, e o dr. Ruschenberger, presidente da academia das sciencias naturaes de Philadelphia.

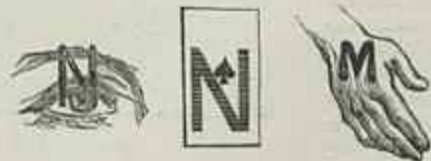
De resto todos os homens notaveis do partido republicano nos Estados Unidos, iam aos domingos estando em Philadelphia, passar algumas horas na sessão do *Hock-Club*. Carey, o mestre, fazia perguntas, informava-se e dava depois conselhos, expondo os seus pontos de vista. D'aquellas reuniões, governou Carey durante muitos annos a politica economica e financeira da America.

Kelley era um dos que fallava mais e sempre com a manifesta approvação do mestre.

Entretanto as garrafas vazias de vinho do Rheno eram substituidas promptamente e continuavam a cir-

¹ *Commerce, Christianity and Civilization versus British Free Trade.* Letters in reply to the *London Times*. 1876.

ENIGMA



Explicação do enigma do n.º antecedente:

Casamento do par do lar, compadre d'alem do mar.

cular sem que se interrompessem as discussões. Um assumpto principalmente interessava os illustres membros do *Hock-Club*: — a *protecção commercial*.

A protecção ás industrias nacionaes da America por meio de fortes direitos de entrada sobre os generos estrangeiros, era a base de toda a economia nacional de Carey e da sua escola.

A influencia do notavel pensador foi durante trinta annos a maior para determinar a legislação e construir e manter uma grande machina artificial mas poderosa, que ainda hoje funciona e que se chama nos Estados Unidos o *partido republicano*. Este representa sobre tudo o espirito norte-americano, *yankee*, individualista, audacioso, industrial, nacional; como o *democrata*, representa os sentimentos do sul, as classes ruraes, os emigrados, a união livre e sympathica com a Inglaterra e o mundo.

Conjunctamente com os interesses do paiz que os direitos aduaneiros perentem ter promovido, immensos interesses particulares se tem largamente fundado.

Assim Carey, o patriarcha da protecção commercial, o propheta da seita, o philosopho da theoria industrial, foi em quanto viveu, o centro de todos os homens immensamente ricos por a applicação d'essa theoria e de todos os politicos directores ostensivos do movimento.

De liberdade do commercio não se podia fallar em casa do mestre.

Henrique Carey fallava muito, mas para interrogar, para investigar ou para expôr, para ensinar do alto do seu nome illustre e da sua experiencia de 80 annos. Nunca discutia porém, a sua doutrina favorita. Se algum estrangeiro lhe fazia a mais leve objecção, Carey defendia-a largamente mas com voz alterada, tremulo, impaciente.

— Os Estados Unidos estão com effeito em crise, a dois passos da ruina, — dizia elle muita vez. Pois bem: São os direitos protectores a unica coisa que ainda os ampara e que os ha de salvar. Temos, principalmente nos Estados do Sul e do Oeste consideraveis elementos de riqueza natural: Por isso mesmo devem manter-se elevados os direitos das alfandegas: Quanto mais rico é um paiz tanto mais precisa de protecção.

E, entretanto, na sala de Carey, o criado continuava a abrir as garrafas de vinho do Rheno, que circulavam de mão em mão, enchendo os copos verdes até de se apparecerem despejadas.

Entre os estrangeiros, que durante a Exposição de Philadelphia mais frequentavam as sessões do *Hock-Club*, notava-se o professor Reulleaux de Berlin: o mesmo que mo apresentara a Henrique Carey em casa do Banqueiro Drexel. Era tambem proteccionista o professor Reulleaux e, conhecendo de perto o principe de Bismark, expunha largamente, por vezes, as idéas economicas que, com effeito, pouco depois, todos viram dominar na politica do imperio allemão.

Era então que Carey triumphava: Cada paiz fa ter a sua industria florescente, consideravel, creada á sombra da protecção que afastasse os estrangeiros. E os inglezes não mais dominariam no mundo enchendo-o dos productos das suas industrias, creadas e mantidas á custa de todas as das demais nações, pela doutrina capciosamente propagada do *free-trade*.

Era atacando a Inglaterra, e descrevendo as vantagens da idéa dominante do seu espirito que Carey pa-

recia verdadeiramente forte e novo, fallando em voz alta com um olhar brilhante em que havia a luz de uma convicção fanatica.

Antes das nove horas da noite, porém, já tinha



HENRIQUE C. CAREY

ndo da sala do illustre economista, o ultimo espectador das sessões do *Hock-Club*, Carey deixava-se ordinariamente muito cedo.

Ficava sempre uma porção consideravel de garrafas

Nem todos, porém, estavam inteiramente certos da boa fé da mudança. William C. Bryant, o velho poeta nacional da America do norte, escreveu-lhe um dia:

«Um certo Henrique C. Carey, de Philadelphia, publicou, ha cerca de vinte annos, uma obra em tres volumes intitulada *Principios de economia politica*, e demonstrou n'ella, baseando-se na experiencia de todo o mundo, que a prosperidade de um paiz depende da liberdade do seu commercio e que o povo que o habita se torna activo e florescente, á proporção que esse mesmo commercio se vai desembaraçando das faxas da protecção e aproximando-se da absoluta liberdade. Desejamos que o sr. Henrique C. Carey discuta estes assumptos com o Henrique C. Carey a que nos referimos. Este segundo terá bastante em que se occupar se quizer desalojar o seu adversario das posições em que elle se collocou. Quando esse trabalho estiver terminado, o que deve levar uns tres ou quatro annos, — porque os adversarios são ambos auctores habituados a volumosos escriptos, — lembramos-lhes que o noticiem aos seus consocios, os proprietarios das fabricas de ferro da Pensylvania, os quaes sem duvida não deixarão de fundir uma estatua em honra do vencedor.»

Esta ultima phrase inclue uma insinuação com que os inimigos de Carey pretendiam explicar a mudança radical que havia feito de um grande livro cambista um proteccionista fanatico.

JAYME BATALHA RES.

BIBLIOGRAPHIA

A *RENAASCENÇA*, órgão dos trabalhos da geração moderna. Director: Joaquim de Araujo. — Recebemos os fasciculos v, vi e vii d'esta formosa publicação, innogavelmente a de mais accentuado caracter litterario que presentemente se publica no nosso paiz.

Os retratos de Theophilo Braga, Eça de Queiroz e Custodio José Duarte, acompanhados dos competentes perfis biographicos, adornam estes fasciculos, collabados pelos escriptores mais importantes com que hoje se ufamam as letras patrias.

A *Renascença* tem um logar á parte no moderno movimento jornaistico portuguez. É uma publicação puramente artistica, sem intuitos industriales, e procurando dar a ultima nota do nosso modo de ser intellectual.

É realmente necessario possuir um espirito tenaz, e um talento persistente para apprehender e depois d'isso manter sempre fiel ao seu programma uma publicação da indole da *Renascença*. Joaquim de Araujo realisa esse prodigio, e todos os que labutamos na fauna do jornaalismo,

lhe devemos um agradecimento sincero por tão valioso serviço prestado ás letras contemporaneas no que ellas possuem de mais elegante e mais primoroso.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRERES TYP. LISBOA
6 Rua do Thezouro Velho, 6



CELORICO DA BEIRA — O MERCADO (Segundo uma photographia)

vasias de vinho do Rheno, sobre uma mesa que havia ao lado do bronze esplendido que representava a Amazona do escultor Augusto Kiss.

E todavia Henrique Carey começara por ser partidario da liberdade do commercio.

Um dia, porém, convencido de que laborava n'um grande erro, mudou publicamente de opinião, e tornou-se, desde então, o supremo inspirador da politica economica dos Estados Unidos.